

Ferreira Gullar. *Barulhos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987. 96 páginas

Foi a dupla morte do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Ferreira Filho, torturados e assassinados nos porões do II Exército, em São Paulo, que decretaram o início da reação da sociedade civil contra a ditadura instalada em 1964. Foram livros de poesia – em especial “A Grande Fala do Índio Guarany e outras falas”, de Affonso Romano de Sant’Anna, e o “Poema Sujo” de Ferreira Gullar – que renasceram a poesia brasileira, dividindo-a em dois momentos diversos: antes de 1976, quando se fazia uma poesia quase burocrática, em compasso de espera desde os arroubos de quase duas décadas antes, com a poesia-concreta, e depois de 1976, quando a poesia brasileira recuperou sua dicção e sua capacidade de dizer.

Do movimento de poesia concreta participara Ferreira Gullar, vindo a romper com o mesmo pouco depois. Seu livro de crise, “Crime na Flora”, restou inédito durante mais de duas décadas, vindo a ser editado apenas em 1986. O rompimento radical com a semântica, com a ordem lógica: a explosão do non-sense que, na poesia, antecipou de uns dez anos o non-sense que a violência de um sistema ditatorial implantaria no país.

Exilado durante alguns anos, Ferreira Gullar seria o responsável pela quebra do marasmo da poesia brasileira, um exílio dentro do país, que se vivia então. Desde Montevideo, onde se encontrava naquele momento, o poeta enviava-nos seu “Poema sujo”. Inesquecível.

De volta ao Brasil, publicou dois novos livros, apenas, “Uma Luz do Chão”, de certa maneira ainda uma obra do exílio ou nele criada, e “Na Vertigem do Dia”, trabalho que reunia poemas escritos já no Brasil. A edição de “Crime na Flora” resgatou-nos um legado importante para a leitura contextual do poeta. Mas agora ei-lo de corpo inteiro, audaz e veraz, depoimento generoso, dolorido e apaixonado sobre a vida e a

morte, sobre si mesmo e o povo de um país explorado e espezinhado, sobre os desencontros e as aproximações que vivemos no cotidiano, mas acima de tudo sobre a própria poesia: “Barulhos”.

Se consultarmos um dicionário, dentre os vários sentidos vamos verificar que “barulho” quer dizer ruído, alvoroço, mistura desordenada de objetos, ostentação. Mas fiquemos com um sentido principal, que nos interessa: é algo que nos chama a atenção. O poema intitulado “Barulho”, na coletânea do poeta, em certa passagem explicita: “O poema/ é sem matéria palpável/tudo/o que há nele/é barulho/quando rumoreja/ ao sopro da leitura” (p. 43) e, mais adiante, em outro poema: “Nenhum riso/nem soluço/rompe/a barreira de barulhos” (p. 68).

Entendemos, então, o que reuniu o poeta Ferreira Gullar neste seu novo livro de poemas explícita e não casualmente datado, de 1980-1987.

É o período denominado da “democratização”, da “transição”, primeiro com o último governo militar do general João Batista Figueiredo, e posteriormente com a chamada “Nova República” presidida por José Sarney, após a morte de Tancredo Neves. Casualidade ou não, dois maranhenses, Sarney e Gullar. Nada a identificá-los, por certo, a não ser a terra. Mas, com toda a certeza, distanciam-se ainda na visão da terra. “De terra te quero;/poema,/e no entanto iluminado” (p. 15) – mas são de uma mesma época, e isso não se pode negar. Enquanto um tira, e faz da literatura passarela, fardão e chá das cinco, o outro reparte, se imola e faz de si mesmo uma perspectiva reveladora de seu povo e de suas expectativas.

O poema é barulho. Marca, mancha, sinal frágil deixado no ar para ser captado. Do poeta para o leitor. Coisas simples, anônimas, aparentemente inúteis, que chamaram a atenção e são transfiguradas: “todo o poema é feito de ar/apenas” (p. 43), renasce quando ao poeta se soma o “sopro da leitura”. E individualmente, apesar de nossos sofrimentos, o que podemos fazer para romper a “barreira de barulhos” da vida lá fora? Não é por acaso que este livro esteja tão marcado pela morte, através dos poemas dedicados à memória de Clarice Lispector, Vinicius de Moraes, Vladimir Herzog, Zuenir Ventura, Glauber Rocha, Mário Pedrosa, Armando Costa, Tancredo Neves, Vianinha e tantos outros. E, no entanto, é sobretudo um livro que se constitui em verdadeiro hino à vida, à vontade de viver, ao amor à vida, ainda que reconhecida a precariedade e a pequenez da duração humana, como se lê no excelente “Volta ao Lar”: “(O poeta) não vai morrer hoje/nem amanhã talvez: apenas sabe/a verdade-lâmina/que sempre soube/e lhe espelnde na carne: vai morrer” (p. 38).

Raras vezes um livro de poemas, como uma coletânea de contos, consegue manter-se sempre num nível acima da média. Pois “Barulhos” realiza esta façanha. Trata-se de uma obra absolutamente madura, que nos devolve o poeta maior do “Poema sujo”, por muitos considerado verdadeiro poema nacional. Aqui, temos um escritor absolutamente dono e consciente de si, capaz de dominar todos os complexos mecanismos do poema, sentindo, identificando o que sente e sendo capaz de traduzir e expressar este sentimento em nível poético. “Barulhos” constitui-se não apenas em mais uma obra de Ferreira Gullar mas, a exemplo daquele livro de 1976, aprofunda as relações do poeta com sua gente e seu tempo. Aqui, ele reivindica um “poema podre” (p. 30) preñado de significados e de vida, de novas gestações e sentidos novos. Por isso mesmo a característica de “Barulhos” é a explosão de vida, a explosão das vidas que se encontram em sua vida.

Antonio Hohlfeldt
Unisinos